

I

Ao cair da noite de uma primavera do ano de 1934, um senhor já entrado nos anos desceu os degraus de pedra que conduzem de uma das pontes sobre o Sena até às suas margens. Era ali, como quase toda a gente sabe, mas ainda assim vale a pena recordá-lo nesta ocasião, que costumam dormir, ou, melhor dizendo, acampar, os sem-abrigo de Paris.

Um desses sem-abrigo encaminhava-se nessa altura, por mero acaso, na direção do senhor já entrado nos anos, que, diga-se de passagem, estava bem-vestido e dava a impressão de ser um viajante interessado em ver as atrações turísticas das cidades estrangeiras. Este sem-abrigo tinha um ar tão maltrapilho e miserável como todos os outros com quem compartilhava a sua sorte, mas parecia merecer uma especial atenção por parte do senhor bem-vestido e já entrado nos anos; por que razão assim era, isso não sabemos.

Caía a noite, como foi já dito, e, por baixo das pontes, junto às margens do rio, escurecia mais intensamente do que na parte de cima, no cais e nas pontes. O homem sem-abrigo e visivelmente desvalido cambaleava um pouco. Parecia não ter reparado no velho senhor bem-vestido. Mas este, que não cambaleava de todo, antes avançava com passadas firmes e a direito, reparara já claramente, ao longe, naquele homem

cambaleante. O senhor já entrado nos anos atravessou-se literalmente no caminho do homem de ar miserável. Ficaram os dois parados em frente um do outro.

«Para onde vai, irmão?», perguntou o velho senhor bem-vestido.

O outro olhou-o por um instante, e disse: «Não sabia que tinha um irmão, e não sei onde me vai levar o caminho.»

«Vou tentar mostrar-lhe o caminho», disse o senhor. «Mas peço-lhe que não se zangue comigo, se lhe pedir que me faça um favor algo estranho.»

«Estou às suas ordens, para o que quer que seja», respondeu o miserável.

«Bem vejo que o senhor tem os seus defeitos. Mas foi Deus que o pôs no meu caminho. Com certeza precisa de dinheiro, não se ofenda por lhe dizer isto! Eu tenho dinheiro a mais. Não me quer dizer, com franqueza, de quanto precisa? Pelo menos para já?»

O outro refletiu por alguns segundos, e disse então: «Vinte francos.»

«Mas isso é muito pouco», replicou o senhor. «Com certeza que precisa aí de uns duzentos.»

O miserável deu um passo atrás, e parecia que ia cair, mas manteve-se de pé, ainda que cambaleando. Disse então: «Claro que prefiro duzentos francos a vinte, mas eu sou um homem honrado. O senhor parece estar enganado a meu respeito. Não posso aceitar o dinheiro que me oferece, e não o posso fazer pelas seguintes razões: em primeiro lugar, porque não tenho o prazer de o conhecer; em segundo lugar, porque não sei dizer como e quando lhe poderia devolver esse dinheiro; em terceiro lugar, porque nem sequer lhe seria possível reclamar a devolução desse dinheiro. Porque não tenho morada fixa. Vivo quase todos os dias debaixo de uma ponte diferente deste rio. No entanto, como já salientei, sou um homem honrado, mesmo sem morada fixa.»

«Eu também não tenho morada fixa», respondeu o senhor já entrado nos anos, «eu também vivo todos os dias debaixo de uma ponte diferente e, mesmo assim, peço-lhe que tenha a bondade de aceitar os duzentos francos — aliás, uma quantia irrisória para um homem como o senhor. Quanto ao reembolso, tenho de explicar mais detidamente por que razão não posso indicar-lhe nenhum banco ou coisa parecida onde o senhor poderia devolver o dinheiro. É que me tornei cristão, sabe, porque li a história da pequena Santa Teresa de Lisieux. E agora tenho uma veneração muito especial por aquela pequena estátua da santa que se encontra na igreja de Sainte-Marie des Batignolles e que o senhor encontrará facilmente. Pois bem, assim que tiver consigo esses míseros duzentos francos, e se a sua consciência o obrigar a não ficar devedor dessa quantia irrisória, vá, por favor, à Sainte-Marie des Batignolles e deixe lá esse dinheiro, nas mãos do padre que nesse momento estiver a acabar de dar a missa. Se o deve a alguém, é à Santa Teresinha. Mas não se esqueça: na igreja de Sainte-Marie des Batignolles.»

«Estou a ver», disse então o miserável, «que o senhor me entendeu perfeitamente, a mim e à minha honra. Dou-lhe a minha palavra de que cumprirei com a minha palavra. Mas só aos domingos é que posso ir à missa.»

«Pois que seja, então, num domingo», disse o velho senhor. Tirou duzentos francos da carteira, deu-os ao homem cambaleante e disse: «Fico-lhe grato!»

«Com todo o gosto», respondeu ele, e logo desapareceu na profunda escuridão.

Pois entretanto escurecera lá em baixo, enquanto na parte de cima, nas pontes e nos cais, se iam acendendo os candeeiros prateados, para anunciarem a animada noite de Paris.

II

Também o senhor bem-vestido desapareceu no meio das trevas. Fora mesmo agraciado com o milagre da conversão. E decidira viver a vida dos mais pobres. E por isso vivia debaixo da ponte.

Mas o outro, esse era um bêbedo, um verdadeiro bebedor. Chamava-se Andreas. E vivia ao acaso, como tantos outros bêbedos. Há muito tempo que não tinha nas mãos duzentos francos. E talvez por isso mesmo, por ter sido há tanto tempo, tirou do bolso um pedacinho de papel e a ponta de um lápis e, à luz fraca de um dos raros candeeiros de rua que ficavam por baixo de uma das pontes, anotou o endereço da Santa Teresinha e a soma de duzentos francos que daí em diante lhe ficava a dever. Subiu uma das escadas que conduzem das margens do Sena até aos cais. Sabia que havia ali um restaurante. E lá entrou, e comeu e bebeu à farta, e gastou muito dinheiro, e ainda levou consigo uma garrafa inteira, para a noite, que tencionava passar debaixo da ponte, como de costume. Tirou até um jornal de um caixote do lixo. Mas não para o ler, antes para se tapar com ele. Porque os jornais aquecem, como bem sabem todos os sem-abrigo.

III

Na manhã seguinte, Andreas levantou-se mais cedo do que era normal, pois dormira anormalmente bem. Lembrou-se então, depois de muito refletir, de que no dia anterior lhe acontecera um milagre, um milagre. E, julgando assim ter dormido especialmente bem nessa última noite quentinha, coberto pelo jornal, como há muito não acontecia, decidiu também lavar-se, coisa que não fazia há muitos meses, para mais durante a estação mais fria do ano. Mas antes de se despir, enfiou outra vez a mão no bolso interior esquerdo do casaco, onde, se bem se lembrava, deviam estar os vestígios palpáveis do milagre. Procurou então um lugar particularmente isolado na beira do Sena para lavar pelo menos a cara e o pescoço. Mas como lhe parecia que por toda a parte havia gente, gente miserável da sua espécie (decadente, como ele próprio lhes chamou num repente, sem o dizer em voz alta) que poderia ficar a olhá-lo enquanto se lavava, acabou por renunciar ao seu propósito e contentou-se em mergulhar apenas as mãos na água. Depois voltou a vestir o casaco, voltou a tocar na nota que tinha no bolso interior esquerdo e sentiu-se perfeitamente limpo e até transformado.

Lançou-se pelo dia adentro, por um daqueles seus dias que desde tempos imemoriais se habituara a desperdiçar,